

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia**

**26 a 29 de julho de 2017 Brasília (DF)**

**Grupo de Trabalho 23: Sociologia da Cultura.**

**Coordenação: Edson Farias (UnB); Maria Celeste Mira (PUC-SP).**

**Suplência: Michel Nicolau (UNICAMP)**

## **Homens e línguas do marxismo brasileiro.**

**Autora: Lidiane Soares Rodrigues**

**Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)**

## Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla denominada “O marxismo nas universidades brasileiras”<sup>1</sup>. Esta pesquisa ambiciona caracterizar o perfil socioeconômico, intelectual e político, de indivíduos que se autodenominam “marxistas” e que trabalham no ensino superior como docentes ou sejam alunos de programas de pós graduação, no Brasil. Até o presente momento, o instrumento mais importante desta investigação consiste num questionário de 59 perguntas, respondido por estes indivíduos, durante o ano de 2014. A base de dados é constituída por 988 pessoas, sendo 392 professores e 596 alunos<sup>2</sup>.

A peculiaridade da expressiva presença do marxismo no circuito universitário brasileiro é evidente para o observador. Contudo, ela foi objeto de poucas pesquisas que tivessem como objetivo surpreender os efeitos duplos desta presença – isto é, tanto do ponto de vista da história do marxismo (tipo de produção intelectual e práticas dos marxistas) como do ponto de vista das disciplinas científicas (conflitos teóricos, temáticos, alianças e rivalidades intelectuais e institucionais). Esta lacuna foi tratada por mim em pesquisa anterior, na qual reconstituí a *gênese* do “marxismo universitário”, por meio da análise dos primeiros círculos de leitores e de leituras acadêmicas de Karl Marx<sup>3</sup>, em São Paulo – datados do final dos anos 1950. O presente *paper* investigará um dos princípios de segmentação do espaço constituído pelos marxistas, encontrado no

---

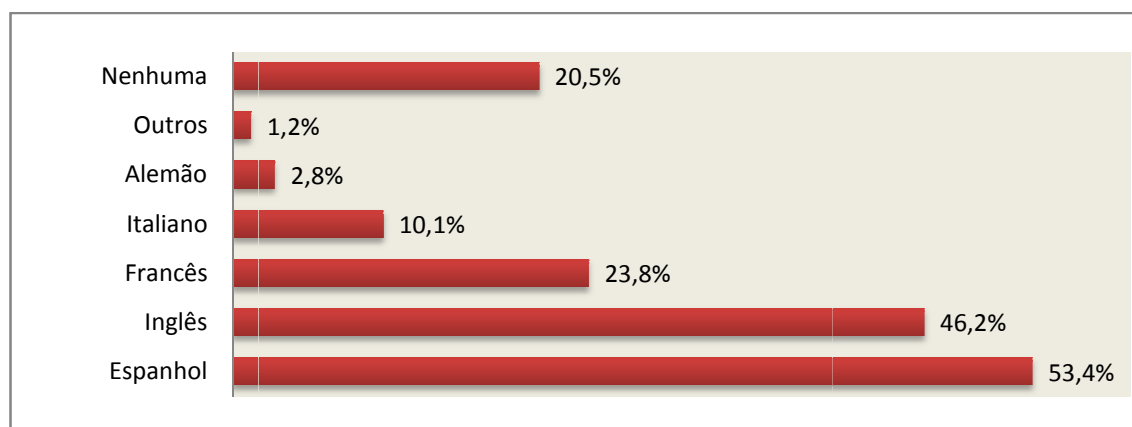
<sup>1</sup> A coleta de dados foi realizada em equipe (juntamente com Paula Marcelino e Danilo Torini). A pesquisa recebeu financiamento parciais do CNPq (Edital Universal de 2014) e da Fapesp (auxílio para evento no exterior, em 2016). A responsabilidade pelas conexões de sentido propostas no presente paper são inteiramente minhas.

<sup>2</sup> Vale especificar: na base de dados, os professores são indivíduos que já concluíram todas as etapas de titulação e não são pós-doutorandos. Os indivíduos que trabalham como professores e ainda não tenham concluído as fases da titulação da carreira, tal como ela se constitui hodiernamente (mestrado e doutorado), foram considerados alunos; juntamente com os demais estudantes de pós-graduação que não lecionem. Esta classificação pretende segmentar a população em duas subpopulações, que correspondem a posições distintas neste espaço, implicando em pesos diferenciados nas escolhas condicionadas pela disciplina (de formação e de pertencimento institucional) e pelo marxismo. Uma questão que não será desenvolvida aqui, mas está na base da segmentação aludida, consiste na averiguação de uma hipótese – a saber: sendo o marxismo um espaço com dinâmica própria (repertório autoral, valores, ethos, ritmo de produção padrão, modalidades de excelência e de vulgaridade intelectuais, etc.), e os marxistas agentes incrustados em disciplinas em crescente profissionalização (cuja dinâmica é irredutível à do marxismo), eles estão submetidos a duas forças condicionantes conflitivas. Analisar como são capazes de articulá-las, ou denegar uma em proveito da outra, é um dos nossos objetivos.

<sup>3</sup> Lidiane Soares Rodrigues. *A produção social do marxismo em São Paulo (1958-1978): mestres, discípulos e ‘Um seminário’*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. 2011. Posteriormente, dei prosseguimento ao estudo destes círculos em trabalho de pós-doutoramento: “Os capitais de um seminário” (1961-1978). (Projeto de Pós-Doutoramento. Fapesp. 2013; Relatório de Pesquisa. Fapesp. 2016).

mencionado estudo, que tratava de uma experiência recuada no tempo e reduzida no espaço (anos 1950 / São Paulo). Empreendendo uma seleção no material reunido por estas duas pesquisas, preparei a apresentação de um problema<sup>4</sup>. Em caráter exploratório, serão estabelecidos nexos de continuidade e de descontinuidade entre a *gênese* (objeto da pesquisa acima aludida), a *estrutura* e a *dinâmica* do espaço (objeto da pesquisa em curso, “O marxismo nas universidades brasileiras”).

Nos grupos de leitores dos anos 1950, a assimetria mais vigorosa em termos de capital cultural, consistia na fluência em idioma estrangeiro. Entre os agentes deste espaço, em 2014, o fenômeno se mantém:



### **O capital dos leitores d’*O Capital***

Importa qualificar o modo como se entende o marxismo nestas duas pesquisas: um “mercado de trocas simbólicas” – um conjunto estruturado de trocas, irredutível à lógica econômica (isto é – aos princípios racionais do cálculo de perdas e ganhos materiais), fortemente marcado pela denegação dela, conduta sociologicamente determinada e justificada por argumentos “teóricos”, “ideológicos”, “políticos”. Trata-se de um espaço no qual se encontra o máximo expoente de “interesse no desinteresse”<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Tenciono aproveitar este espaço para a interlocução com sociólogos da cultura. Se for verdade que o inusitado deste levantamento suscite curiosidade, tem sido difícil promover um intercâmbio propriamente científico a respeito dele. Pudera. Sendo pouco convencional, a pesquisa padece de certo isolamento. Não é recorrente que a sociologia dos intelectuais se ocupe de populações tão densas e de temas tão políticos e, em contrapartida, sendo ainda mais raro o interesse dos estudiosos do marxismo pelo tipo de abordagem proposto nesta pesquisa – raras vezes encontro com quem debater problemas de difícil encaminhamento. Eis o motivo pelo qual tentarei aproveitar a oportunidade para realizar precisamente isso.

<sup>5</sup> Pierre Bourdieu. *As regras da arte*. Lisboa, Presença, 1996.

Neste mercado não-econômico, as trocas se estabelecem entre agentes dotados de recursos distintos cujo valor é cambiante. Em primeiro lugar, em função de sua raridade e dos usos possíveis deles, considerando-se as práticas intelectuais hierarquizadas segundo os princípios próprios deste espaço. Em segundo lugar, as posições objetivamente ocupadas e subjetivamente ambicionadas, pesam sobre o valor destes recursos. As duas facetas entram em jogo na análise da distribuição do capital linguístico na população de marxistas reunida pela pesquisa.

A centralidade e o valor da prática de leitura coletiva d'*O Capital* confere um diferencial aos que possuem o domínio da língua alemã; e, em contrapartida: a) este diferencial pode ter rendimentos diversos, em função da posição ocupada pelo agente; b) a destituição deste recurso pode implicar em estratégias alternativas de inserção diminuta, mas ativa, no espaço. Importa, por isso, caracterizar a distribuição desigual deste capital específico (linguístico), segundo a morfologia da população, na base de estratégias diferenciadas de condutas dos marxistas. Sistematizo: a raridade do alemão, a centralidade da prática na qual seu uso é requerido (leitura d'*O Capital*), a posição do agente e as alternativas à destituição deste recurso são equacionadas num sistema complexo de compensações simbólicas no espaço. A compreensão do valor da leitura d'*O Capital* em alemão consiste, portanto, no fio da meada. Reconstitui-se o estabelecimento dela para em seguida assinalar a morfologia da mesma – ontem e hoje.

### **Sociogênese de uma prática**

A leitura d'*O Capital* em alemão remonta à gênese dos círculos de leitores e de leituras de Karl Marx do final da década de 1950. O introdutor desta prática, entre universitários brasileiros, foi o filósofo José Arthur Giannotti. Numa fase em que os estágios em países estrangeiros ainda não eram minimamente regrados, as cartas escritas para os catedráticos, que “conseguiam” as bolsas para seus alunos, faziam as vezes dos atuais relatórios de pesquisa. Numa delas, ele formulou o intuito em chave entusiástica, como se a realização deste projeto nos alçasse ao âmbito do Primeiro Mundo: “Adotei uma divisa: estudar os alemães modernos à moda francesa. Vamos ver o que vai dar. Afinal o nosso barbudo era alemão (judeu) e ainda vamos lê-lo no original.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Paris, 28/10/1957.

“À moda francesa” aludia ao método de leitura do filósofo Martial Guérout. *Grosso modo*, este método de leitura consistia em explicitar a construção lógica dos argumentos do autor, buscando a arquitetura interna do sistema filosófico, numa espécie de “conversão ao texto”. O barbudo, alemão e judeu – naturalmente é Karl Marx. O entusiasmo e a grandeza conferida ao empreendimento se evidenciam nas palavras do jovem de origens modestíssimas, aos 27 anos: “ainda vamos lê-lo no original”.

A ambição de “ler no original” foi atizada pela circulação internacional no espaço altamente assimétrico da Filosofia. José Arthur Giannotti fascinava-se pelas práticas definidoras do trabalho filosófico na França, sem equivalente entre as práticas da Filosofia praticada no Brasil à mesma época. As principais eram: ler o autor de sua especialidade na língua original do mesmo (e não em traduções), segundo o método de Guérout; traduzir este autor e outros de sua constelação filosófica; comentar este autor e esta constelação filosófica como exercício propedêutico de preparação da “grande tese” de doutoramento. Eis as práticas correntes que caracterizavam os dois pólos dominantes (França e Alemanha) da Filosofia no espaço global<sup>7</sup>.

Em seu retorno ao Brasil, dentre outras atitudes que exprimem o desejo de importar práticas às quais esteve exposto e às quais seu *habitus* o tornava particularmente suscetível de apreciação, o filósofo traduziu Wittgenstein e reuniu seus amigos para ler *O capital* de Karl Marx.

Eis a origem do célebre “Seminário Marx”.

A caracterização sociológica dos componentes deste seminário mostra que ele correspondia ao feitiço do ambiente em que se constituiu: uns poucos membros de famílias decadentes (Bento Prado Jr.), outros com famílias estribadas em carreiras junto aos aparelhos de Estado (Fernando Henrique Cardoso), e significativamente, classes médias emergentes (Fernando Antonio Novais) e imigrantes (Octavio Ianni, Paul Singer, Roberto Schwarz). Era a feição que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, construída em 1934, assumia – em oposição às escolas tradicionais, inacessível para esses setores. Salvo pelo fato da FFCL-USP apresentar também mulheres, e o “Seminário”, não – ele reconstituía em micro-cosmo, seu entorno.

A caracterização da prática de leitura d’*O Capital* assinala a ambição de diferenciação tanto em relação aos concorrentes da disciplina filosófica quanto em

---

<sup>7</sup> Este parágrafo sumariza conclusões da investigação que realizei em nível de pós-doutoramento. Aguardo a resposta de pareceristas de revistas acadêmicas aos artigos enviados para pleitear publicações.

relação aos militantes de organizações políticas (partidos, sindicatos e movimentos). Enquanto os filósofos paulistanos/brasileiros ignoravam a possibilidade de fazer uma leitura filosófica de Karl Marx; os militantes realizavam leituras subordinadas às obrigações políticas de suas organizações. Ademais, a leitura de Marx mais comum entre eles, não era *O capital*, mas textos como *Manifesto comunista*, *O 18 Brumário*, *A Crítica da Economia Política* – ou resumos condensados do pensamento do autor.

Por fim, “ler no original” implicava uma diferenciação e o estabelecimento da assimetria em relação à maioria dos leitores militantes, posto que a primeira tradução d’*O Capital* para língua portuguesa, no Brasil, ocorrerá apenas em 1967. Contudo, o alemão do mentor do grupo não era suficiente; tampouco o dos amigos mais próximos, professores assistentes nas cadeiras de Filosofia (Bento Prado Jr.), Sociologia (Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni), e História Econômica (Fernando A. Novais). Eles leram em espanhol (tradução de Wenceslau Rocés, da XYZ), em inglês, em francês. Quem lia em alemão? Dois ex-alunos, convidados por terem domínio de um recurso *instrumental* para a realização de um nobre *fim* (a leitura): Paul Singer e Roberto Schwarz – ambos oriundos de famílias austríacas, refugiadas do nazismo em São Paulo e com domínio nativo da língua alemã.

### **Cosmopolitismo periférico**

O método de leitura adotado tornava a realização do programa impossível sem o domínio da língua alemã, constitutiva da dicção inconfundível do marxismo universitário, em vias de constituição nos anos 1950 e de sedimentação nas décadas seguintes. A presença dos alunos propiciava, “uma liga intergeracional com os mais moços”, por meio de relativa quebra da ordenação catedrática – alunos *estudam* com professores, posto que no seminário, não se tratava de ter aulas novamente com eles<sup>8</sup>. Por outro lado, o “Seminário” não suprimia as posições de autoridade: os bons alunos aproveitavam, os professores protagonizavam. Ademais, estabelecia outra autoridade: a de José Arthur Giannotti e a da Filosofia que se sobrepunha à dos demais professores, oriundos de disciplinas diversas.

No entanto, sendo o capital linguístico de domínio dos alunos, uma assimetria invertida ficava estabelecida: o filósofo, mentor do grupo, do método e da disciplina de leitura estava destituído da fluência plena do idioma de sua disciplina e do autor lido.

---

<sup>8</sup> Roberto Schwarz. Entrevista. In. *Retrato de grupo. 40 anos do CEBRAP*, p. 230.

Não surpreende que a ele fossem dirigidas energias vitais indissociáveis do dócil exercício e usufruto da dominação pedagógica. Os alunos prepararam uma armadilha para os professores.

“Roberto começou sua brilhante carreira de falsário genial e fabricante de canulares de alto nível, inventando uma pretensa carta de Lukács dirigida a mim; nessa missiva, escrita num alemão impecável, o mestre de Budapeste agradecia o envio de artigos meus [Michael Löwy] e de Roberto, inspirados por sua obra, que mereciam grandes elogios, por sua excepcional qualidade intelectual e literária (estou citando de memória, não tenho mais esse precioso documento à mão). Cúmplice da manobra, levei a falsa mensagem de Lukács à seguinte reunião do Seminário Marx, onde ela foi lida e discutida, suscitando o ceticismo de alguns e a inveja de outros – não cito nomes.<sup>9</sup> Michael Lowy. “Ad Roberto”. In. *Um crítico na periferia do capitalismo*, p. 334.

Nem é necessário. A inversão da hierarquia provoca risos *desde que a reconhecamos como legítima*. Do ângulo das relações geracionais, a ambigüidade consiste em que por meio do desafio que os jovens lançam aos mais velhos confessam a dominação simbólica a que estão submetidos –com o risco da redundância, sublinho: *por vontade própria*. A ironia, contudo, no calor da hora, dificilmente é entendida assim. Recolhe sua eficácia justamente do imediato de nossas emoções, caindo vítimas dela, os mais ciosos de suas posições. Talvez os mais velhos tenham sentido aquela fígada instantânea – “e se isso for verdade?”. Entre eles, quiçá, com uma dose mais dramática – pela centralidade de sua área e de seu papel – Giannotti, que não tinha tempo a perder, e decerto a farsa tinha o conteúdo do bom gosto dos ilustrados à esquerda, mas era de mau gosto, sentida em meio a seus esforços. Ou será que respondeu a provocação dos jovens com aquela superioridade com que destronou intrigas envolvendo seu nome, quando estava do outro lado do Atlântico? “[As intrigas são] um bom sinal, porque significa que estou ficando importante”.<sup>10</sup>

Se a graça se deve à inversão, tem mais a testemunhar a respeito da relação idade/virtuosismo intelectual. No “canular”, os mais jovens são objeto de reverência, sendo reconhecido por méritos a respeito dos quais nada era dito a respeito dos professores; registrando, às avessas a atração exercida por Giannotti, a quem todos, no final das contas, não deviam pouco, e concentrava o atributo de maturidade dos professores. Como não reconhecer na anedota, a hierarquia objetiva das posições em tensão com a assimetria da competência linguística (os jovens sabem alemão, os velhos, não; eles/jovens/alunos têm o domínio de pré-requisitos sem os quais o

---

<sup>9</sup> Michael Lowy. “Ad Roberto”. In. *Um crítico na periferia do capitalismo*, p. 334.

<sup>10</sup> Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rennes, 18/03/1957.

grupo/velhos/professores não cumpriria a tarefa).

Num universo tão masculinizado – como o da Filosofia, disciplina dominante na configuração do “Seminário”, e na do marxismo – poderiam as relações de força assumirem outra forma se não a de afirmação do gênero?

“Herr Professor. Gester habe ich gelernt, hätten die Berlinere alle sitten verloren. Sie gehen auf Kudamm spassieren! pois é, a grande av. de Berlim de Kurfurster Damm virou esse nome feio. Está tudo assim na Alemanha. Rotemburgo é uma belezinha como o senhor sabe, para aqui ficar dois meses porém, é uma chateação. Essa vida de província! **O pior é que estou me sentindo burro como uma porta, pois estudar língua é o trabalho mais idiota do mundo.** O Instituto também organiza passeios. Ontem visitamos Stuttgart e a fábrica de automóveis da Mercedes Benz. Só no lugar em que estivemos trabalham 15000 operários. Ao todo 55 000. Daria até para fazer uma revoluçãozinha. O que esperam esses alemães **desculhonados?** Acabam todos apoiando a política Adenauer.”<sup>11</sup>

Não, obviamente. E a castração dos detentores *naturais* do capital cultural (linguístico) tão cobiçado (alemães desculhonados, isto é, mulheres) é indício irretocável do nexos entre homens e língua forte neste mercado de bens simbólicos. Ademais é o investimento de energia, numa fase não iniciática da formação intelectual, implicando custos adicionais na gestão do tempo, que imprime o tom sôfrego das confissões tanto dos que resolvem adquirir a fluência em língua alemã quanto dos destituídos deste recurso. Num registro amoroso e libidinoso – outra face da dominação simbólica – o mesmo nexos homem/professor/língua forte em oposição e dominação à mulher/aluna/destituição:

“Ao contrário do que vulgarmente se pensa, o que nós esquecemos e o que nós lembramos não é uma decisão pessoal. Agora há pouco esqueci o nome do (...) continuo esquecendo, vou lembrar; quero lembrar, não lembro. Nós esquecemos e lembramos aquilo que a sociedade em que vivemos determina. A memória é um fenômeno social. Seria ótimo se não fosse. Basta viver para ver que não é. Quantas vezes nós queremos lembrar uma coisa (como eu agora há pouco) e não lembramos ou então *vem aquela moça simpática pedindo bibliografia e (\*) você quer citar (\*) 3 livros em alemão, 25 em francês, fazer um cartaz e ... “esqueci!” – que raiva!*; ou na hora da defesa da tese que aquele bestalhão fez uma pergunta que eu podia ter amassado e... esqueci o argumento, vai lembrar o argumento depois! E o contrário? Aquela maldita mulher que não consigo esquecer. (risos da plateia). Não é assim? Não adianta, não consegue.” – Fernando Novais<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Correspondência de José Arthur Giannotti para João Cruz Costa. Rothenburg, 26 de julho de 1958.

<sup>12</sup> Conferência “Articulações entre a Velha e a Nova História (Parte I)”. UNESP. Franca. Vídeo PET História Unesp Franca. Conferência realizada em 29 de maio de 2014; publicado em 10 de novembro de 2014. Terceiro dia do ciclo de palestras “Celebrando os 20 anos de PET-História”.



Considere-se que objetivamente as figuras da castração (Giannotti) e da sedução (Novais) têm esteio no fato de que além da filosofia e do marxismo serem universos fortemente masculinizados, o capital linguístico não estava distribuído igualmente entre os sexos. As mulheres que ousaram desafiar as interpretações sócio-históricas oriundas do Seminário e as que participaram de outros grupos de leitura de Karl Marx e de autores marxistas, constituídos posterior ou concomitantemente a ele não tinham domínio do alemão<sup>13</sup>. A representação encerra uma divisão social do trabalho intelectual.

### **Capitais, estrutura e dinâmica de um mercado de bens simbólicos**

Ao que tudo indica, a inércia das práticas e das assimetrias entre os capitais do espaço do marxismo têm mantido, desde a gênese acima caracterizada em seus elementos mais gerais:

- a) a distribuição desigual do capital específico (linguístico) entre homens e mulheres, com vantagem para eles em detrimento delas;
- b) o princípio hierárquico entre o capital específico (linguístico) e o capital militante (engajamentos em partidos, sindicatos e movimentos);
- c) um mecanismo compensatório nas trocas simbólicas – menos capital específico, mais investimento em capital militante e vice-versa (consequentemente, implicando estratégias diferenciais, entre os sexos, por existência/diferenciação no espaço).

Os testes realizados com o banco de dados da pesquisa “O marxismo nas universidades brasileiras” têm confirmado estas três linhas de força na gênese, na estrutura e na dinâmica do espaço. Considerando-se o conjunto dos respondentes válidos, isto é, os 988 indivíduos, e restringindo a exposição aos pólos extremos de concentração de capital específico e de destituição dele, tem-se o seguinte:

KL-b: 808 (81,7%) indivíduos com capital linguístico baixo;

KL-h: 24 (2,4%) indivíduos com o capital linguístico alto.

---

<sup>13</sup> Por exemplo: Maria Sylvia Carvalho Franco; Marilena Chauí; Emilia Viotti.

## **Pólo frio**

Os 24 indivíduos com KL-h são 20 homens (83%) e 4 mulheres (16,6 %). Na população global, a proporção de homens e mulheres é, respectivamente, de 61,2% para 38,8%. Portanto, pode-se afirmar que a distribuição do capital específico (lingüístico), na fração mais dotada dele, seja mais desigual, do ponto de vista do gênero, tendendo a favor dos homens.

Dentre os 24 indivíduos com KL-h, 15 são alunos (13 homens, 2 mulheres) e 9, professores (7 homens, 2 mulheres)<sup>14</sup>. Com relação à faixa etária, os 24 indivíduos abarcam entre 24 e 70 anos. Com relação à faixa etária por gênero, as mulheres vão dos 25 aos 65 anos e os homens alargam a faixa, têm entre 24 e 70 – sugerindo que as mulheres da geração mais velha sequer investiam na aquisição linguística. Dos 24 indivíduos com KL-h, 8 não estão trabalhando; portanto, apenas 16 indivíduos são “sindicalizáveis”, e, dentre eles, 14 são homens (87,5 %) e 2, mulheres (12,5 %).

Dos 16 indivíduos com KL-h e sindicalizáveis, 10 situam-se na faixa “fria” – isto é, não são engajados (sendo 8 homens e 2 mulheres); 4, na faixa morna – isto é, envolvem-se ocasionalmente (4 homens e 0 mulheres). Apenas 2 situam-se numa faixa quente – isto é, são engajados (2 homens e 0 mulheres). Dentre os 9 professores com KL-h, apenas 7 estão trabalhando – 6 deles são homens e 1 é mulher. No que tange ao sindicalismo, eles se distribuem igualmente entre as faixas fria e morna (3 casos cada) e nenhum na faixa quente. Ela situa-se na faixa fria.

Engajar-se ou não no sindicato não pode ser um indicador absoluto de investimento em capital militante. Considere-se, portanto, as respostas à pergunta “você faz parte de algum movimento social”? Dos 20 homens com KL-h, 12 responderam que não militam em nenhum movimento social (60%). Se considerarmos a militância em movimento estudantil (1 caso) e em movimento por educação (2 casos) como internas ao sistema intelectual, temos a tendência a não sair dele em 15 casos, portanto, 75%, de não militantes. Das 4 mulheres com KL-h, 1 respondeu que não milita em nenhum movimento social; 1 milita em movimento estudantil, por terra e feminista; 1 milita em movimento estudantil, por moradia e feminista e outra assinalou “outro”.

---

<sup>14</sup> Hesito em estabelecer o nexos – alunos mais competitivos e mais capital lingüístico/específico. De todo modo, mas a semelhança com a configuração anterior (do seminário) não deixa de chamar atenção.

## **Pólo quente**

Os 808 indivíduos com KL-b são 482 homens (59,6%) e 326 mulheres (40,3%). Reitero que na população global, a proporção de homens e mulheres é, respectivamente, de 61,2% para 38,8%. Portanto, pode-se afirmar que a distribuição do capital específico (lingüístico), na fração menos dotada dele, seja menos desigual, do ponto de vista do gênero (note-se: trata-se do *inverso do que se observou na fração mais dotada dele, que pendia favorável e fortemente para os homens*).

Dentre os 808 indivíduos com KL-b, 497 são alunos (309 homens, 188 mulheres); e 311, professores (173 homens, 138 mulheres). Com relação à faixa etária, os 808 indivíduos abarcam entre 20 e 77 anos. Com relação à faixa etária por gênero, as mulheres vão dos 21 aos 77 anos e os homens têm entre 20 e 76 – não se verifica portanto a nuança do pólo KL-h –acima indicada. Dos 808, com KL-b, 153 não estão trabalhando; portanto, apenas 655 são “sindicalizáveis”, e, dentre eles, 403 (61, 5%) são homens e 252 são mulheres (38, 4%).

Dos 655 indivíduos com KL-b sindicalizáveis, 266 situam-se na faixa “fria” – isto é, não são filiados (sendo 169 homens e 97 mulheres); 198 situam-se na faixa “morna” –isto é envolvem-se ocasionalmente (sendo 110 homens e 88 mulheres); e 191, na faixa quente – são filiados e (\*) (124 sendo homens e 67 mulheres). Dentre os 305 professores com KL-b trabalhando, 172 são homens (56,3%) e 133 são mulheres (43,6%). No que tange ao sindicalismo, os professores homens com KL-b se distribuem equilibradamente entre as faixas – fria (58 indivíduos); morna (59 indivíduos) e quente (55 indivíduos). Já as professoras com KL-b se distribuem com ligeira tendência para o pólo mais acalorado – situam-se na faixa fria (38 casos); morna (53 casos); e quente (42 casos).

É válida também para o pólo quente a advertência de que filiar-se ou não ao sindicato não pode ser um indicador absoluto de investimento em capital militante. Considere-se, portanto, as respostas à pergunta “você faz parte de algum movimento social”? Dos 482 homens com KL-b, 171 responderam que não fazem parte de nenhum movimento social – ou seja, 35, 4%. A tendência é, portanto, a militância em movimentos sociais (os demais 64%). Das 326 mulheres, 124 responderam que não militam em nenhum movimento social, -ou seja, 38%. Também entre elas, no grupo dos menos dotados de KL, a tendência é a militância (as demais somando 62%).

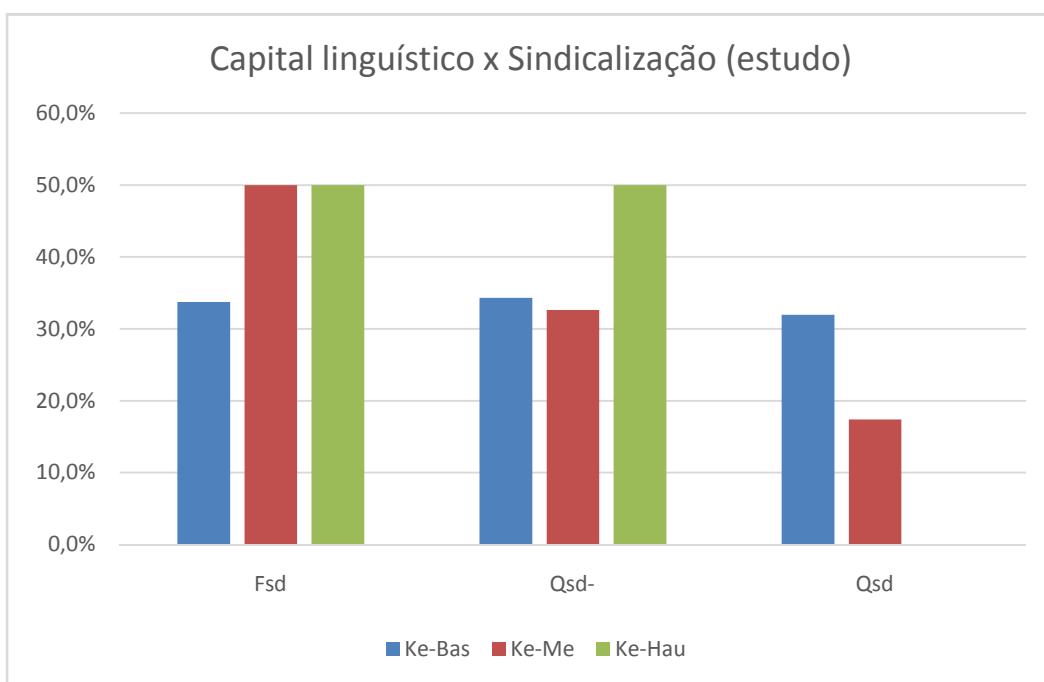


Figura 1. Codificação (em teste). Fsd: pólo frio/sindicalismo; Qsd- :pólo morno; Qsd: pólo quente. Ke-Bas: capital linguístico baixo; Ke-Me: médio; Ke-Hau: alto. A tabela apresenta o estudo do cruzamento do Capital Linguístico com a Sindicalização dos Professores Marxistas (392 indivíduos). A sindicalização é considerada um elemento da composição do capital militante. Observe-se o ponto “zero”, ausência de coluna no que seria o ponto Ke-Hau/Qsd –isto é, indivíduos com alto capital específico (linguístico) e alto investimento em capital militante. Abaixo, os mesmos dados em outra apresentação gráfica.

PROFESSORES MARXISTAS BRASILEIROS			KM (Sindicalismo)				Total
KC- Linguístico	B	Contagem	6	96	97	112	<b>311</b>
		% em KE-LG-Final	1,9%	30,9%	31,2%	36,0%	100,0%
		% em Sindicalismo	60,0%	75,0%	88,2%	77,8%	79,3%
		% do Total	1,5%	24,5%	24,7%	28,6%	79,3%
H	Contagem	2	4	0	3	<b>9</b>	
	% em KE-LG-Final	22,2%	44,4%	0,0%	33,3%	100,0%	
	% em Sindicalismo	20,0%	3,1%	0,0%	2,1%	2,3%	
	% do Total	,5%	1,0%	0,0%	,8%	2,3%	
M	Contagem	2	28	13	29	<b>72</b>	
	% em KE-LG-Final	2,8%	38,9%	18,1%	40,3%	100,0%	
	% em Sindicalismo	20,0%	21,9%	11,8%	20,1%	18,4%	
	% do Total	,5%	7,1%	3,3%	7,4%	18,4%	
Total	Contagem	<b>10</b>	<b>128</b>	<b>110</b>	<b>144</b>	<b>392</b>	
	% em KE-LG-Final	2,6%	32,7%	28,1%	36,7%	100,0%	
	% em Sindicalismo	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	2,6%	32,7%	28,1%	36,7%	100,0%	

## **Considerações finais**

No presente trabalho, o capital cultural mais distintivo, e específico, foi estudado no cruzamento com um dos componentes do capital militante (sindicalização). Tanto o capital cultural global dos agentes comporta outros elementos; quanto o capital militante (específico) deverá ainda incorporar outros elementos (intervenção em mídias, por exemplo) –a fim de se tornarem indicadores mais seguros dos investimentos dos agentes. Por isso, como afirmei anteriormente, este é um estudo parcial, e em estado de desenvolvimento. Os termos “pólo frio” e “pólo quente” são categorias classificatórias nativas, extraídas do autor alemão Ernst Bloch (*O princípio da esperança*) apreciado em alguns circuitos. Em geral, esta oposição é empregada para designar aqueles mais inclinados à militância e à política (os quentes) em contraponto aos menos inclinados a elas (seja por pessimismo, seja por ter rompido com os liames da prática militante). Se esta divisa é corrente e assume contornos politizantes na população deste espaço, ela também retoma algumas oposições práticas atreladas às organizações do campo político (partidos, movimentos, sindicatos) e do campo científico (universidades, academias, centros de pesquisa, etc.). É comum, e anima o espaço do enfrentamento entre os marxistas, que se acusem de “militantismo” /“academicismo”; de socialismo panfletário/de cátedra; de marxismo soviético/ocidental. Esta pesquisa aposta que a efetividade dessas categóricas classificatórias/acusatórias seja posterior à segmentação sociológica que divide os agentes, segundo a dotação global de seus capitais (cultural e militante).